

NOVAS TENDÊNCIAS NA ANTROPOLOGIA VISUAL: ETNOGRAFIAS MULTIMODAIS, ARTE E EPISTEMOLOGIAS PLURAIS

GABRIEL O. ALVAREZ¹

MARIANA RIVERA²

RENATO ATHIAS³

Este dossiê reúne produção acadêmica de especialistas para examinar essa nova direção na antropologia visual, um campo que vem trazendo transformações profundas desde a criação do paradigma da antropologia compartilhada. Como em todos os campos disciplinares da antropologia, percebe-se transformações na atualidade e talvez o campo visual seja aquele que tem passado por transformações mais profundas.

Passaram mais de 130 anos dos primeiros registros audiovisuais realizados por Haddon, Seligman e River na expedição ao Estreito de Torres. Ao longo desse tempo, a antropologia passou de ter uma pretensão científica, para um viés humanista e sensibilidade artística; da procura por um saber objetivo, para o horizonte de uma antropologia compartilhada e participativa; de uma preocupação textual para a exploração de diferentes modalidades de comunicação, que incluem o audiovisual, desenho, performances; uma antropologia nascida durante a expansão colonial, para uma disciplina que questiona a episteme eurocêntrica e vai ao encontro de outras epistemologias, negras, indígenas e plurais.

O texto seminal de Margaret Mead, republicado por Paul Hockings em 1975, já nos provocava em 1947 ao dizer que a Antropologia não se escreve apenas com palavras. As imagens também podem ser instrumentos poderosos na elaboração de textos antropológicos, com grande capacidade de difusão de ideias para refletir sobre uma realidade social específica. Porém, a produção de imagens nos coloca diante da tecnologia, um campo com rápidas mudanças nos últimos cinquenta anos. A tecnologia de produção de imagens impactou a vida cotidiana de todos nós. Tecnologias, vinculadas ao audiovisual, adestraram o olhar e os ouvidos de todos nós, aproximaram mundos, formas de representação e narrativas das memórias. Não existe síntese, ao contrário, pois a

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Contato: gabriel.o.alvarez@gmail.com.

² *Dirección de Etnología y Antropología Social no Instituto Nacional de Antropología e Historia*. Contato: marianaxrq@gmail.com.

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal de Pernambuco. Contato: renato.athias@ufpe.br.

antropologia está sempre localizada, contextualizada, georreferenciada, multissituada e as imagens, tal como são produzidas, podem dar parâmetros para uma narrativa imagética.

Todos nós sabemos que o campo da antropologia visual nasceu em meados do século XIX com o que chamamos “era da reprodutibilidade técnica” e da expansão industrial. A antropologia, nos seus primórdios, foi orientada para alimentar e enriquecer as experiências museais, que mantinham as dominações imagéticas para “controlar” as narrativas e as experiências humanas em diferentes contextos etnográficos. Na realidade, era voltada para um modelo de documentação e preservação de práticas culturais ditas “ameaçadas”, dentro daquele espírito de uma “antropologia de urgência”. Neste sentido, a tecnologia de produção de imagens foi instrumentalizada para garantir uma noção específica de “objetividade”, que foi inserida com metodologia e tecnologia de pesquisa ou mesmo de auxiliar de pesquisa (Bateson), permitindo que muitos antropólogos começassem a pensar nos diferentes paradigmas epistemológicos desse campo disciplinar.

Vale lembrar questões colocadas em diversos textos de Georges Marcus (1995), que foi, por muitos anos, editor da *Visual Anthropology Review*, a importante revista acadêmica que destaca formas inovadoras de produção etnográfica e a prática antropológica que exploram as potencialidades dos estudos sensoriais. O autor discute os impactos metodológicos nas atuais práticas antropológicas. Por exemplo, a noção de “tradução cultural”, que é a própria etnografia, e que nunca assimila completamente a diferença, pois a tentativa de se interpretar ou explicar alteridade cultural, sempre fica um resíduo de uma ideia de “diferença” e, esta noção, tem de fato dominado a antropologia e o conceito de cultura no pensamento social. Um outro impacto tem relação com a premissa atual nas ciências sociais de que não há sequer a possibilidade de um “sentido fixo”, o que ontologicamente dominou e radicalizou a produção antropológica, minando ainda a prática de um tipo de interpretação na qual um sentido dominante pode ser deduzido tal como aprendemos na briga de galos balinesa.

O debate proposto por Georges Marcus (1995) nos coloca diante do objeto do estudo antropológico. O autor chama a atenção para a prática metodológica que ele denomina de “justaposição”, que inclui uma narrativa, tem mobilidade e situa-se em múltiplos locais, e que tem, na realidade, uma dimensão comparativa. Ele aponta narrativas em linguagens, na forma de justaposições de coisas aparentemente incomparáveis ou fenômenos que aparecem convencionalmente como “mundos distantes”, nos quais o global desaparece fazendo parte integral de situações locais relacionadas e paralelas. Na realidade, essa mudança nos aspectos metodológicos da “comparação” para a “justaposição”, desterritorializa a cultura no texto etnográfico e estimula outras linguagens de culturas construídas numa “paisagem” para a qual ainda não há um conceito teórico desenvolvido. Este debate nos leva a dizer que a cultura como objeto central da antropologia está baseada

na noção de que a diferença do outro pode ser completamente consumida, assimilada pela teoria e pelo novo estilo de descrição etnográfica em justaposição ao se racharem os códigos da estrutura, por meio de uma tradução tecnologicamente “melhor”. Tal como se passa hoje por meio de múltiplas formas e suportes para o espaço público à procura de novos espectadores, atores ou mesmo públicos.

É um fato que a etnografia escrita no século XX se renova com a interpelação de novos atores e, sobretudo, com outras modalidades de registro e apresentação. A etnografia, na qual a câmera de filmar e outras tecnologias de captura de imagem e som agora são partes fundamentais, não resultou na objetivação dos dados numa “ciência neutra”. A antropologia compartilhada, inspirada em Rouch, orienta a pesquisa para a fusão de horizontes de comunicação, a empatia, a cumplicidade entre o antropólogo e o grupo; da descrição para a autorepresentação, a atuação e as performances culturais.

A Associação Americana de Antropologia (AAA) mudou o nome do comitê de antropologia visual, criando o comitê de Antropologia Multimodal. No artigo de Collins, Durrington e Gill (2017), *Convite a uma antropologia multimodal*, os autores assinalam o deslocamento da antropologia acadêmica com pretensões científicas, para uma antropologia mais próxima da arte, da escrita para as diferentes modalidades, vídeos, desenhos, fotografias e performances. Uma antropologia participativa, nas redes sociais, engajada de forma crítica e decolonial.

Não estamos necessariamente interessados em desenvolver abordagens multimídia para representar ou disseminar o conhecimento antropológico. Em vez disso, estamos preocupados em saber como a multimodalidade pode contribuir para uma política de invenção para a disciplina. Argumentamos que a multimodalidade oferece uma linha de fuga para uma antropologia que ainda está por vir: multissensorial, em vez de baseada em texto; performativa, em vez de representacional; inventiva, em vez de descritiva. Essa antropologia reimaginada exige um afastamento das formas estabelecidas de autoria, representação e publicação acadêmica, em direção a projetos que experimentam formas, colaborações, audiências e correspondências imprevistas (DATTATREYAN; MARRERO-GUILLAMÓN, 2019, p. 271). Um deslocamento na forma de entender a etnografia, da descrição para a performance e compreensão. Em diálogo com esta proposta, organizamos o presente dossiê com autores brasileiros e mexicanos que responderam, desde o sul global, compartilhando seus trabalhos e experiências.

Entre as perguntas que orientaram os editores deste dossiê: como a antropologia se transformou, ao longo do tempo, em formas narrativas visuais, sonoras, audiovisuais e, mais recentemente, digitais? E, como se reformula hoje, na era da globalização e, sobretudo, da transformação digital, na antropologia visual ou multimodal? Sem dúvida, esta questão da nomenclatura do nosso campo disciplinar não é tão importante agora, pois é um campo com

profundas mudanças e expansão. Assistimos o nascimento das etnografias visuais e sonoras ou das “netnografias”, nas quais as imagens tornam-se narrativas essenciais da interpretação antropológica, como podemos perceber nos trabalhos que fazem parte deste dossiê. Acrescentamos ainda mais inquietações transversais que nos fazem debater sobre essa temática: como se repensa atualmente a antropologia visual ou multimodal no âmbito da antropologia?

Iniciamos a organização desse dossiê temático da Revista Mundaú, já vai fazer alguns meses e, sabemos que, nesse período, tivemos algumas transformações significativas no campo da produção de imagens, com o incrível envolvimento da inteligência artificial nas produções imagéticas, ainda sem ter claro suas potencialidades e limitações. Mas já podemos perceber o que teremos de perspectivas pelos anos vindouros. Não podemos ignorar esta nova prática. Levando isso em consideração, decidimos traduzir o texto de Barbara Glowczewski (2013) que colocava, ainda nos anos oitenta, a problemática da transferência, para o mundo digital, das visualidades das imagens da tradição oral de um de povos aborígenes da Austrália. Uma problemática, podemos ainda dizer, ainda bem atual, que gera tentativas de resposta a Margaret Mead sobre “como ensinar a escrever textos imagéticos” ou prescindir da textualidade para gerar sentidos a partir de imagens, sons, desenhos, música, animação, teatro, performances entre outras práticas artísticas e criativas, evocações etnográficas para imaginar e comunicar desde a sensibilidade humana.

Este dossiê reúne traduções, artigos e encartes visuais que exploram alguns desses eixos. A alteridade cultural se faz presente no trabalho sobre Candomblé de Larissa Fontes e também no de Bárbara Glowczewski, assim como no ensaio de Ana Lúcia Ferraz sobre a reza dos Guarani Kaiowá no Brasil. O encarte Arquivo-Oráculo de Caca Fonseca, Filipe Britto, Glicéria Tupinambá e Laura Castro, apresenta uma montagem audiovisual que combina as vozes nativas, críticas e uma estética inovadora produzida na montagem randômica.

Outro grupo de trabalhos que dialoga com o cinema traz perspectivas brasileiras e mexicanas. É o caso da análise de Gabriela Villarreal Zamorano sobre a representação da intimidade e a violência em filmes mexicanos e das questões decoloniais na análise de Janaina Silva de Oliveira focadas nos filmes latinoamericanos. Oliveira demonstra ainda as preocupações que definem seu lugar de análise como mulher negra brasileira. Outra faceta de questões aparece no encarte audiovisual de Thais Santana Galvão, sobre o teatro numa igreja evangélica e no trabalho de Marcos Albuquerque, sobre a arte dos grafites em Barcelona.

Alguns encartes envolvem a vida dos objetos, seja dos serviços de reparação de câmeras e TVs, registrados no encarte de Hugo Chávez Carvajal e Casandra Sabag Hillen. Há trabalhos que dialogam com as performances, sejam artísticas, como é possível ver no trabalho de Miquéias Silva Queiroz e Leonardo da Silva Souza, nos artigos de Lucas Barreto

de Souza e de Max Bittencourt; sejam culturais, como no encarte visual de Sol Alves, Luan Rodrigues e Nathália Medeiros.

O trabalho de Carlos Caroso e Fátima Tavares apresenta como a ancestralidade é performada pelos quilombolas na Bahia na Festa da Ostra. O audiovisual como memória aparece nos registros de Alex Giuliano Vailati, Maíra Souza e Silva Acioli. O trabalho de João Vítor Velame e Lara Santos de Amorim explora o desenho numa etnografia realizada num mercado público em João Pessoa. Já o trabalho de Tainá Almeida de Paula analisa uma experiência de antropologia visual compartilhada com fotógrafas em Maceió, Alagoas, no contexto da pandemia de Covid-19 que atravessamos recentemente.

Cabe ressaltar aqui o protagonismo da Profa. Silvia Martins, coordenadora do grupo de pesquisa Antropologia Visual de Alagoas da (Aval) e da comissão editoria da Revista Mundaú da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em receber a nossa proposta de Dossiê e todo o apoio para a realização do mesmo possibilitando a ampliação do conhecimento no campo da antropologia visual.

Convidamos os leitores a refletir e desfrutar dessas diversas contribuições que prometem reportar às perguntas e debates de nossa disciplina, através da exploração e experimentação em novos campos de ação e co-criação etnográfica para dar respostas com novas abordagens às perguntas sobre a alteridade, a diversidade e os encontros transculturais.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Samuel Gerald; DURINGTON, Matthew; GILL, Harjant. Multimodal Anthropologies. *Multimodality: an invitation. American Anthropologist*, v. 119, n. 1, pp. 142–153, 2017.

DATTATREYAN, Ethiraj Gabriel; MARRERO-GUILLAMÓN, Isaac. Introduction: Multimodal Anthropology and the Politics of Invention. *American Anthropologist*, v. 121, n. 1, p. 220–228, 2019. [10.1111/aman.13183](https://doi.org/10.1111/aman.13183)

GLOWCZEWSKI, Barbara. 'We have a Dreaming': How to translate totemic existential territories through digital tools. *In: ORMOND-PARKER, Lyndon et al (Ed.). Information technology and Indigenous communities*. Camberra: AIATSIS Research Publications, 2013. p. 105–125.

HOCKINGS, Paul (Ed.). *Principles of Visual Anthropology*. Berlim: Gruyter Mouton, 1975.

MARCUS, George E. Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review of Anthropology*, v. 24, n. 1, p. 95–117, 1995.